Uma introdução à *transvaloração de todos os valores* na obra de Nietzsche⁵³

Luís Rubira
FFLCH-USP

RESUMO: O presente texto pretende explorar a expressão “transvaloração de todos os valores” na obra de Nietzsche a fim de verificar quais os usos que o filósofo faz dela, bem como fazer ver que a transvaloração é, por excelência, a tarefa fundamental da obra do pensador alemão.

PALAVRAS-CHAVE: transvaloração; valores; tarefa.

ABSTRACT: This text intends to explore the expression “*unwethung aller werthe*” in the works of Nietzsche in order to verify which the uses that the philosopher makes of it, as well as making to see that the *unwethung* is, par excellence, the basic task of the workmanship of the German thinker.

KEYWORD: *Unwerthung, values, task.*

INTRODUÇÃO

A transvaloração de todos os valores (*Umwertung aller werthe* – expressão alemã que tem recebido as mais diferentes traduções⁵⁴) é, provavelmente, a tarefa mais polêmica presente na obra nietzschiana. Em tal expressão estão condensadas as principais idéias do filósofo. Compreendê-la pressupõe que se tenha clareza em Nietzsche: do conceito de valor; da constatação do advento do niilismo na modernidade (e, por conseguinte, de sua crítica à metafísica e à moral socrática-judaico-cristã); do conceito de vontade de potência e da teoria das forças; do além-do-homem enquanto alvo vislumbrado para escapar ao vazio de sentido decorrente da “morte de Deus”; e do maior e mais grave experimento de pensamento da filosofia nietzschiana perante todo e qualquer niilismo, o “mais pesado dos pesos”, a doutrina do eterno retorno: encruzilhada que pode fazer desembocar novamente no niilismo ou conduzir ao incondicional Sim à vida, ao *amor fati*.

Se, por um lado, a tarefa de transvaloração, no seu conjunto, está intrinsecamente ligada aos principais núcleos da filosofia de Nietzsche (niilismo, vontade de potência, além-do-homem, eterno retorno - os quais surgem em seus escritos nos anos de 1881 e 1882), por outro, a expressão *transvaloração* somente aparece, pela primeira vez, numa obra *publicada por Nietzsche*, em *Para além de bem e mal* (1886): das obras editadas pelo filósofo, no chamado período tardio ou maduro de sua filosofia (o qual teria início no ano de 1882), não há indícios desta expressão tanto no Zarathustra quanto nos prefácios de 1886 e tampouco no quinto livro de *A gaia ciência* publicado no mesmo ano.

Se, por um lado, a expressão *transvaloração* somente surge numa obra publicada em 1886, posteriormente, portanto, aos demais termos fundamentais da filosofia de Nietzsche, por outro, o fato dele aparecer crivado pela primeira vez em *Para além de bem e mal* pouco indica ainda do teor que a idéia mesma da transvaloração iria adquirir para o filósofo no ano de 1888. Nesse sentido, a circunstância de ocorrência da expressão em *Para além de bem e mal*, de fato, ainda está muito distante do modo como será empregada no prólogo do *Crepúsculo dos ídolos* (1888), onde a transvaloração surge como uma “ocupação sombria”, uma ocupação “desmesuradamente cheia de responsabilidade”, tarefa cujo “primeiro livro” (àquela altura *O anticristo*) já estaria concluído.

Em que pese o modo como Nietzsche tomará a transvaloração no derradeiro ano de sua produção intelectual, quando a expressão surge, seminalmente, em *Para além de bem e mal*, ela já revela duas polaridades com as quais o filósofo a emprega. A expressão é seminal porque ela é cunhada pelo próprio autor [na língua alemã *Umwertung* é formado pelo prefixo *Um* - que aponta para movimento circular, queda, retorno, mudança - e pela palavra *Wert* (valor)⁵⁵ - que foi

introduzida no vocabulário da filosofia por Nietzsche e se difundiu a partir dele⁵⁶] de modo a exprimir, por meio de um signo, um *acontecimento* decisivo no âmbito dos valores, *acontecimento* que é *constatado* e que precisa ser *enfrentado*.

Nietzsche percebe (eis aqui o primeiro pólo do conceito) que um tipo específico de valor (cujo último suspiro pode ser localizado na Roma antiga) sofreu uma mudança radical em sua estrutura, uma inversão de suas prerrogativas. Filólogo que, muito antes de inaugurar o método genealógico, já se lançara, no *Nascimento da Tragédia*, para antes de Sócrates e percebera uma mudança de tom entre as tragédias gregas de Ésquilo e Sófocles quando comparadas a de Eurípedes (que se aproximaria da racionalidade socrática), Nietzsche verifica a mudança de tom nos valores da antiguidade e identifica esta mudança quando os judeus-cristãos, a partir do símbolo “Deus na cruz” ou “o crucificado”, realizam um reviravolta decisiva no âmbito dos valores implantando a perspectiva dos escravos na moral. Em contrapartida a este acontecimento, encoberto por dois milênios de história (e que, segundo Nietzsche, só teve uma única tentativa de reversão, embora fracassada, através do Renascimento), e percebendo o processo de desvalorização dos valores supremos no qual ingressou a moral cristã a partir da perda de seu fundamento (na constatação nietzschiana “Deus está morto”), o filósofo preconiza (eis aqui o segundo pólo do conceito) que todos os valores vigentes até agora (isto é, aqueles que se implantaram a partir da ascensão judaico-cristã) devem ser extirpados em sua raiz, de modo a abrirem caminho para a instauração de novos valores.

Os dois pólos conceituais guardados na expressão *transvaloração de todos os valores* (uma ocorrida a dois milênios e outra que necessita ocorrer), encontram-se nos parágrafos 46 e 203 de *Para além de bem e mal*. No entanto, neste *prelúdio a uma filosofia do porvir*, há um diferencial fundamental (em comparação com a obra que dois anos depois lançaria uma “maldição sobre o cristianismo”) no modo como Nietzsche encara o combate aos valores vigentes. Este diferencial encontra-se no fato de que em *Para além de bem e mal* o filósofo atribui a tarefa da *transvaloração* a homens do porvir:

(...) *novos filósofos*, não há escolha; (...) espíritos fortes e originais o bastante para dar os primeiros impulsos a estimativas de valor opostos e para *transvalorar*, inverter ‘valores eternos’. (...) homens do futuro que atem no presente a coação e o nó que coage a vontade de milênios a *novas trilhas*. (JGB/BM 203)

No ano seguinte (1887) ao publicar a *Genealogia da Moral*, o filósofo segue diagnosticando a *transvaloração judaico-cristã* ocorrida nos valores antigos (conforme os parágrafos 7 e 8 da primeira dissertação), mas quando torna a manifestar-se acerca da *transvaloração* que se faz necessária, Nietzsche, ao invés de referir-se aos filósofos do futuro, demonstra o intento de, ele mesmo, *ensaiar*

uma *transvaloração de todos os valores*, ensaio que seria realizado através de uma obra que, àquela altura (conforme anuncia no parágrafo 27 da terceira dissertação) estaria sendo escrita, a saber: *A Vontade de potência*. A redação desta obra é abandonada em fins de agosto de 1888 - conforme se verifica nos fragmentos póstumos - e, no lugar daquele título, impõe-se o da *Transvaloração de todos os valores*. A mudança de tom na abordagem da transvaloração em 1888 é percebida no prólogo do *Crepúsculo dos ídolos*, escrito em 30 de setembro: ali podemos perceber que aquele "ponto de interrogação tão negro, tão inquietante, que arroja sombras sobre que o escreve", a saber, a transvaloração, tomou definitivamente corpo e se estabeleceu como *tarefa nietzschiana*. A força desta idéia é tamanha que, no prólogo do *Crepúsculo*, Nietzsche anuncia que o primeiro livro da Transvaloração encontra-se concluído: indicando, àquela altura, que outros livros viriam. Definitivamente, deste momento em diante, o filósofo não mais atrela a transvaloração a algo que outros possam operar ou a algo (como em GM III 27) acerca do qual ele forneceria um ensaio, mas a toma como *sua* tarefa. Podemos ainda verificar no *Crepúsculo dos ídolos* que, nos outros dois momentos onde a expressão surge (nos capítulos "Os quatro grandes erros" 2, "Os 'melhoradores' da humanidade" 4), Nietzsche, além de nos fornecer um "primeiro exemplo" de *sua* transvaloração (seção 2), também delimita seu alvo de ataque, a saber, o *cristianismo* (seção 4. Para termos em conta a dimensão deste alvo de ataque cumpre observar, como faz Osvaldo Giacóia (1997, p. 19), que o cristianismo é entendido por Nietzsche enquanto "substrato ético-religioso das mais importantes estimativas de valor do homem moderno". O cristianismo seria, pois, o solo a partir do qual todos os demais valores do homem moderno brotaram; valores que, para Nietzsche, são a expressão da decadência.)

As duas obras que o filósofo alemão preparou para publicação no ano de 1888 (*O anticristo* e *Ecce Homo*), mas que não chegou a publicar devido ao colapso psíquico sofrido em Turim, são decisivas tanto com relação a efetivação da transvaloração quanto para compreendermos o intento nietzschiano e localizá-lo em andamento em várias de suas obras, sendo, no fundo, a tarefa central de sua filosofia - como ele mesmo descreve em *Ecce Homo*:

Para a tarefa de uma *transvaloração dos valores* eram necessárias talvez mais faculdades do que as que jamais coexistiram em um só indivíduo, sobretudo também antíteses de faculdades, sem as quais estas se poderiam obstruir, destruir. Hierarquia das faculdades; distância; a arte de separar sem incompatibilizar; nada misturar, nada "conciliar"; uma imensa multiplicidade, que no entanto é o contrário do caos - esta foi a precondição, a longa e secreta lavra e arte do meu instinto (EH/EH, "Por que sou tão inteligente" 9)

A obra *Ecce Homo* é decisiva, juntamente com os escritos póstumos, cartas e outros textos do ano de 1888, para compreender e situar a tarefa da transvaloração. Ela foi escrita justamente para esta finalidade; redigida de forma intencional: *Ecce Homo*, conforme carta à Georg Brandes (datada de 20 de novembro de 1888), é “o prólogo da *transvaloração de todos os valores*”. O próprio título, quando associado à transvaloração, ganha em significado. Profundo conhecedor da Bíblia e bom estrategista, Nietzsche pretendia publicar *Ecce Homo* dois anos antes de trazer a conhecimento do público a obra *O anticristo*. A estratégia parece estar vinculada ao tema da transvaloração.

No quarto evangelho da bíblia, o evangelho de São João, o apóstolo narra a condenação de Jesus à morte: “Saiu Pilatos ainda outra vez fora, e disse-lhes: Eis que vo-lo trago fora, para que conheçais que não encontro nele crime algum. Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E (*Pilatos*) disse-lhes: Eis aqui o homem. Então os príncipes dos sacerdotes e os ministros, tendo-o visto, gritaram, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o!”. Não vendo em Jesus “crime algum”, *Eis o homem: Ecce homo*, é a última fala de Pilatos antes de ser convencido, pelas autoridades judaicas, a entregar Jesus para ser crucificado, posto que estas lhe gritavam “Se soltas este, não és amigo de César”. A fala *Ecce homo* precede, assim, um acontecimento. A partir do momento em que Pilatos entrega Jesus para a crucificação, decide-se o destino de séculos de história no ocidente.

Nietzsche toma justamente a fala que precede o advento de um grande acontecimento (no caso o cristianismo, tomado enquanto “platonismo para o povo”) e a coloca como título de sua autobiografia. No último capítulo de *Ecce homo*, penúltimo parágrafo, ele escreve:

o *descobrir* da moral cristã é um acontecimento que não tem igual, uma verdadeira catástrofe. Quem sobre isto esclarece é uma *force majeure* [força maior], um destino - ele parte a história da humanidade em duas. (EH/EH, “Por que sou um destino”, 8).

Nietzsche apresenta-se, assim, como um destino, por ter descoberto a moral cristã ou, como diz em *O anticristo*, por ter levantado o pano “que tapava a *corrupção* do homem” (AC/AC 6). Diferentemente dos sacerdotes judeus que queriam a crucificação de Jesus, o alvo de Nietzsche, sobretudo em *O anticristo*, não é um ataque ao célebre homem da Galiléia (“Houve apenas um cristão, e este morreu na cruz”; AC/AC 39), mas a um tipo sacerdotal judeu que, com a crucificação de Jesus, teria encontrado um caminho para chegar até o poder, um caminho para operar uma alteração em todos os valores da antigüidade e, nesta alteração, levar ao primeiro plano os próprios valores: com base no símbolo “Deus na cruz” ou

“cristo na cruz” ou “o crucificado”, tais sacerdotes teriam operado uma transvaloração de todos os valores antigos - valores esses que eram a expressão de uma vida afirmativa, uma vida que não desprezava o vir-a-ser. Dois milênios depois daquela transvaloração, que desprezou o vir-a-ser em detrimento de um mundo de essências, imutável, e que acabou por conduzir ao niilismo, o filósofo, divisando uma nova possibilidade no âmbito de determinação dos valores, escreve, logo na abertura do *Ecce homo*:

Prevedo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*. (EH/EH, Prólogo).

A “mais séria exigência”, aqui, chama-se transvaloração, e Nietzsche, no final de sua autobiografia, nos diz que ela é sua “fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade”, autoconhecimento que nele, pela primeira vez, teria se feito “gênio e carne” (EH/EH “Por que sou um destino” I).

Toda transvaloração opera sempre num âmbito de valores estabelecidos: se a judaico-cristã operou no âmbito de valores nobres, tendo como símbolo máximo “o crucificado”, a *transvaloração* nietzschiana precisa operar sobre *todos os valores* que, desde então, se estabeleceram; e seu símbolo é Dioniso. Entende-se, assim, a derradeira inscrição em *Ecce homo*: “*Dioniso contra o crucificado...*” (EH/EH, “Por que sou um destino” 9), ou seja, símbolos que expressam, por um lado, uma transvaloração ocorrida e, por outra, uma nova transvaloração que, aos olhos do filósofo, necessita ocorrer. Vê-se, portanto, por que o projeto de *transvaloração de todos os valores* nietzschiano é algo demasiadamente polêmico: com ele Nietzsche vem questionar, nada menos, que dois milênios de história.

Sob a força daquela “ocupação sombria” e “desmesuradamente cheia de responsabilidade”, que “arroja sombras sobre quem a escreve”, ou seja, sob a força da tarefa de transvaloração de todos os valores, Nietzsche reordenou, nos últimos meses de sua atividade intelectual, a maior parte de sua produção filosófica:

a) *O nascimento da tragédia*, através do núcleo de algumas abordagens (revisadas pela “tentativa de autocrítica” de 1886), pode ser considerado como sua “primeira transvaloração” (cf. GD/CI, “O que devo aos antigos” 5);

b) *Para além de bem e mal*, seria o momento em que o filósofo busca “seres afins”, que lhe estendam a mão para a “*obra de destruição*”: a *transvaloração de todos os valores* (cf. EH/EH, “*Para além de bem e mal*” I);

c) As três dissertações dispostas em *A genealogia da moral* são consideradas como “três trabalhos decisivos de um psicólogo, preliminares a uma transvaloração de todos os valores” (EH/EH, “Genealogia da moral”);

d) O *Crepúsculo dos ídolos* serviria “de introdutor e de aperitivo” para sua “transvaloração dos valores”, (cf. carta à Köselitz, de 12 de setembro de 1888). O

término desta obra é considerado como o momento inicial em que o filósofo lança-se à “tremenda tarefa da *transvaloração*” (EH/EH, “Crepúsculo dos ídolos”, 3);

e) *Crepúsculo dos ídolos* e *Ecce Homo*, também anunciam o advento do “primeiro livro” da *transvaloração*. No *Ecce Homo*, uma aproximação entre os comentários de *Humano, demasiado humano* (6), e *O caso Wagner* (4), deixam entrever que o filósofo pretendia publicar *O anticristo*, até então considerado como “primeiro livro”, em princípios de 1890 (este elemento também se confirma, por exemplo, na carta a Overbeck, de 13 de novembro de 1888, onde expressa a intenção de publicá-lo “somente no final do próximo ano [1889]”);

f) *O anticristo*, após o último esboço do projeto “*Transvaloração de todos os valores*” em 4 livros, é convertido na totalidade da *transvaloração* (cf. carta a Georg Brandes, de 20 de novembro de 1888), sendo que o título inicial desta obra seria: *O anticristo. Transvaloração de todos os valores*, subtítulo este riscado pelo filósofo que escreveu, em seu lugar: “*Maldição sobre o cristianismo*”.

Confronto decisivo entre a *transvaloração* judaico-cristã e a *transvaloração nietzschiana*, entre aquela fatalidade que dominou milênios (através de valores oriundos de um tipo vital decadente), e uma nova fatalidade (da qual Nietzsche apresenta-se como precursor), a *tarefa nietzschiana* parece dizer o seguinte: os valores foram *transvalorados* em sua totalidade e se estabeleceram; agora estes valores estabelecidos devem ser também *transvalorados*. A nova *transvaloração*, tendo como móvel a vontade de potência, faz ver que o que vale, o valor fundamental, é o aumento de potência. Somente é um valor, somente vale, aquilo que intensifica a vida, e todos os demais valores devem estar subordinados a este critério fundamental de avaliação - como está escrito de modo muito econômico logo ao início de *O anticristo*:

O que é bom? – tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de potência, o poder mesmo no homem. O que é mau? – tudo o que procede da debilidade. Que é felicidade? – o sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência foi superada. (AC/AC 2)

Projeto e intento demasiadamente polêmico, a *transvaloração* precisa ser longamente meditada e pesada com as demais idéias centrais da filosofia de Nietzsche, bem como com o trabalho de inúmeros estudiosos de seu pensamento. Interpretar a fundo esta tarefa/proposta, validá-la ou refutá-la, implica em discutir de maneira mais aprofundada tais temas, analisar as diversas interpretações e as contrabalançar: tarefa esta que ultrapassaria em muito os intentos de nosso texto, que limitou-se a realizar uma introdução à *transvaloração de todos os valores* na obra de Nietzsche.

NOTAS

¹ Este texto foi originalmente uma palestra apresentada em 16/06/2004 nos *Encontros Nietzsche* realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Acerca das traduções da palavra alemã *Umwertung*, é importante registrar o seguinte: o tradutor espanhol Andrés Sánchez Pascual justifica o emprego de *transvaloración* por guardar a idéia nietzschiana de “ ‘trocar’ e ‘substituir’ uns valores por outros, a saber, os inventados pelos ressentidos, pelos dimanados da afirmação da vida” (ver, nesse sentido, as traduções: *El Anticristo*, nota n.º 29; *La Genealogía de la moral*, nota n.º 24; *Ecce Homo*, nota n.º 13. Em: *El libro de Bolsillo*, Alianza Editorial, 1997). O *Diccionario de la lengua española* da Real Academia Española explica que o prefixo *Trans*, do latim *trans* “significa ‘al outro lado’; ‘a través de’”. Puede alternar con la forma *tras*” (cf. Tomo II, 22ª Ed., Madrid, 2001).

Os tradutores franceses (Editions Gallimard) utilizam *renversement* (C. Heim; I. Hildebrand e J. Gratien), bem como *transvaluation* (I. Hildebrand e J. Gratien) e *inversion* (J.-C. Hémerly). Observe-se que I. Hildebrand e J. Gratien na tradução da *Genealogia da Moral* chegam mesmo a realizar duas traduções para *Umwertung*: para as ocorrências em GM I 7 e 8 emprega-se *renversement*, e na ocorrência GM III 27 emprega-se *transvaluation*. Jean-Claude Hémerly acredita que o prefixo “*trans-*” utilizado anteriormente nas traduções francesas, não comporta as idéias de “ ‘renversement’, *retournement*, *changement*”, guardadas no prefixo “*Um-*” alemão, e opta pelo termo *inversion* (Cf. *Crépuscule des idoles*, Notes e variantes, pg. 115. Editions Gallimard, 1974). O tradutor brasileiro Paulo César de Souza indica que o prefixo alemão “*um-*” indica movimento circular, retorno, queda ou mudança” e opta pelo termo *transvaloração* posto que “*tres-*” é uma variante de *trans-*, que transmite idéia de ‘movimento para além ou através de’”, observando que, no seu entender, “*tres-*” expressaria de modo mais adequado a radicalidade da mudança”; observa, ainda, a importância de manter na tradução do termo *Umwertung* a ênfase na “palavra ‘valor’ [*Wert*]” (Cf. *Além do bem e do mal*. Nota n.º 81. Companhia das Letras, 1997), de onde se depreende que não ocorreria nos termos *renversement* e *inversion* das traduções francesas.

Anteriormente as traduções realizadas por Paulo César de Souza, tínhamos em nossa língua a tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho para diversos textos selecionados por Gérard Lebrun. Entre tais textos encontra-se em GM III 27, AC 61 e EH (após o prólogo, bem como nos capítulos Por sou tão sábio, I; Por que escrevo livros tão bons I) o termo *transvaloração* (Cf. Nietzsche; obras incompletas. Nova cultural, 1987).

Entre os especialistas brasileiros em Nietzsche, Oswaldo Giacoia, Roberto Machado e Scarlett Marton optam pelo termo *transvaloração*. Face a esse uso corrente, utilizarei o termo *transvaloração* e verterei para esta tradução (de modo a manter uma coesão em meu texto) todas as citações nietzschianas onde ocorra a palavra *Umwertung*. Cumpre, por fim, observar que, a nosso ver, *Umwertung* não quer dizer somente inverter os valores, mas *inverter com base em e indo para além de, mudar e até mesmo retornar a*, posto que Nietzsche parte de outro critério de valor (no qual se enraíza a proposta de transvaloração) com o qual lança-se contra *todos os valores* existentes.

³ Nietzsche entende que o valor expressa a avaliação de determinadas perspectivas vitais [“somente há valor graças a avaliação; e sem a avaliação, seria vazia a noz da existência” (*Za/ZA*, Dos mil e um alvos)], ao cunhar a expressão *transvaloração de todos os valores* sintetiza, nela, conceitualmente, uma boa parte do leque de sua filosofia. Pressupomos que *trans/valoração/de todos os valores* (vigentes até agora) quer dizer inverter-trocar-ir além/da avaliação fundante/de

todas as avaliações (vigentes até agora). As palavras “inverter”, “trocar”, “ir além” e até mesmo “retornar a” condensam o problema de tradução do prefixo alemão *Um* nas tradições latinas onde a palavra *Umwerthung* aparece na obra nietzschiana. Esta dificuldade em dar sentido exato à tradução parte do fato de que transvaloração comporta os sentidos de “retornar a”, “inverter”, “trocar”, “ir além”. Ademais, a avaliação fundante de todas as avaliações vigentes até agora, que Nietzsche pretende transvalorar, é a avaliação oriunda das perspectivas vitais decadentes, as quais teriam ascendido ao âmbito de determinação dos valores, como veremos, com a ascensão do cristianismo.

⁴ Conforme observa Heidegger em *Nietzsches Wort “Gott is tot”* (Tr. Esp. pg. 207) e Deleuze em *Nietzsche et la philosophie*, pg.

REFERÊNCIAS

BIBLIA. A T. Gênesis. *No princípio* / tradução [para o francês] e comentários de André Chouraqui; tradução para o português, Carlito Azevedo. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Porto-Portugal, RES-Editora Ltda.

_____. *Nietzsche*. Lisboa-Portugal, Edições 70, 1994.

GIACOIA, Oswaldo Júnior. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Tradução de Pierre Klossowski. Paris, Gallimard, 1975, 2v.

_____. *Caminos de Bosque*. Alianza Editorial S A, Madrid, 1995.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche. Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, F. *Así habló Zaratustra*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1996.

_____. *Más allá del bien y del mal*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1995.

_____. *La genealogía de la moral*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1997.

_____. *Crepúsculo de los ídolos*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1998.

_____. *El Anticristo*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1997.

_____. *Ecce homo*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1997.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 6ª ed., 1989.

_____. *Ouvres Philosophiques Complètes*. (Org. Giorgio Colli et Mazzino Montinari.). Paris, Gallimard, Collection Folio/Essais: 1973-1988.